

A história urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes

Apesar da sua cultura urbana bastante rica, a história da cidade é um campo de estudo pouco desenvolvido em Portugal. A história urbana portuguesa apresenta um atraso de anos relativamente a historiografias europeias ou americanas. O quadro de conhecimentos é ainda muito fragmentado, existem inúmeros vazios por preencher e é, provavelmente, prematuro tentar identificar minuciosamente as diferentes ênfases, novas direcções ou tendências na história urbana portuguesa.

Na segunda metade do século XIX verificou-se um desenvolvimento significativo da história local. Cada região e cada cidade tinham os seus próprios historiadores locais, e durante muito tempo a história das vilas e das cidades permaneceu domínio destes investigadores, os quais, apesar de só muito raramente terem a formação de historiadores e de muitas vezes lhes faltar método e rigor na investigação, geralmente, baseavam as suas monografias na pesquisa exaustiva dos arquivos locais, tornando-as, assim, importantes obras de referência. A maioria destes historiadores locais permaneceu isolada e não foi capaz, ou não se mostrou interessada, em relacionar o estudo da sua cidade com o de outras cidades, com o desenvolvimento geral do país ou com os grandes movimentos da história, mantendo-se confinada no universo fechado da sua própria realidade.

Gradualmente, a história local foi abandonando este estatuto, mas só recentemente a história da cidade se começou a desenvolver de forma mais sistemática. Existem sinais de que a situação está a mudar: um crescente interesse pela história, um aumento das actividades de investigação e um maior número de publicações neste domínio significam que a historiografia portuguesa está a evoluir rapidamente. Apesar disso, actualmente, apenas um pequeno número de obras publicadas se pode classificar sem quaisquer ambiguidades no domínio da história urbana.

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Um tipo de história local que se tem desenvolvido recentemente tem sido a publicação de colecções de monografias ou guias dedicados a diversas cidades ou outros conjuntos urbanos. Embora com objectivos mais genéricos, respondendo a um crescente interesse social pelo conhecimento e preservação do património, alguns destes estudos têm um interessante carácter documental no que se refere à história urbana. Estão neste caso os estudos de Vieira Caldas e Varela Gomes sobre Viana do Castelo ou de Fernandes Pereira sobre Óbidos¹.

Paralelamente, tem continuado a produção de textos por historiadores locais, em muitos casos beneficiando do apoio de instituições locais, que vêm suprimindo as carências de informação em relação a muitos aglomerados urbanos. Entre muitos trabalhos modestos de história local podem encontrar-se alguns trabalhos com valiosa investigação histórica. Mas muitas vezes os problemas da história local oitocentista — falta de rigor teórico e de sólidas bases metodológicas, deficiente referenciação, apresentação desorganizada — ainda permanecem. Mesmo assim, estes trabalhos constituem fontes de informação preciosas para o estudo de muitos conjuntos urbanos. As câmaras municipais das principais cidades têm também continuado a apoiar estudos de história local ou a subsidiar a sua publicação, quer através de livros, quer através de revistas municipais especializadas. A Câmara Municipal do Porto é um exemplo deste tipo de actuação, concedendo subsídios à publicação de alguns estudos locais e editando duas revistas de conteúdo histórico: o *Boletim Cultural*, produzido pelo arquivo histórico da cidade, onde se incluem artigos relacionados com a história da cidade, e os *Documentos e Memórias para a Cidade do Porto*, uma publicação periódica que consiste em transcrições de documentos antigos. A Câmara de Lisboa tem também mantido um papel idêntico na promoção do estudo da história da cidade: até recentemente através de uma actividade editorial própria e através da sua *Revista Municipal*, privilegiando agora o subsídio a publicações. Quer no Porto, quer em Lisboa, existem gabinetes de investigação integrados na estrutura municipal dedicados ao estudo das respectivas cidades; destaque-se, no caso de Lisboa, o Gabinete de Estudos Olissiponenses. Outras municipalidades tomaram iniciativas idênticas de promoverem o estudo das suas cidades, e é a este nível local que se podem encontrar muitos recursos ainda não explorados da história urbana portuguesa.

O patrocínio da história local por parte dos municípios não é extensivo à manutenção dos arquivos municipais, que permanecem mal organizados. Para além dos arquivos nacionais e das bibliotecas nacional e municipais,

¹ J. Vieira Caldas e P. Varela Gomes, *Viana do Castelo* (Lisboa, 1990), e José Fernandes Pereira, *Óbidos* (Lisboa, 1989). Outros volumes nesta mesma série incluem R. Henriques da Silva, *Cascais* (Lisboa, 1989), e José Manuel Fernandes, *Angra do Heroísmo* (Lisboa, 1989).

os arquivos municipais constituem as principais fontes de informação primária para o estudo da história urbana. Infelizmente, não existe um guia geral destes arquivos e em muitos deles ainda se encontra um volume considerável de materiais por classificar. Esta situação é particularmente grave no que se refere à documentação cartográfica e iconográfica. Não existe nenhuma instituição encarregada da catalogação e estudo da cartografia que se encontra dispersa por bibliotecas, arquivos nacionais e municipais, museus e colecções particulares, sem qualquer index ou guia que permita a sua identificação.

No que respeita ao treino académico de historiadores urbanos, não existem cursos ao nível de licenciatura ou de mestrado em história urbana. A história é ensinada em quatro universidades estatais — duas em Lisboa, uma no Porto e uma em Coimbra — e no mesmo número de universidades privadas. Todas as universidades estatais têm uma especialização em história de arte e três delas uma especialização em arqueologia, mas nenhuma em história urbana. Correspondentemente, não existem instituições de pesquisa, públicas ou privadas, especializadas no estudo da história urbana. As quatro universidades públicas acima referidas, em Lisboa, Porto e Coimbra, têm centros de investigação de história, mas a sua preocupação com a história urbana é muitas vezes apenas ocasional. O Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa é o centro de investigação universitária com maior actividade no campo da história urbana. Em anos recentes tem vindo a coordenar investigações e a publicar alguns livros sobre o tema da história das cidades. Outra instituição activa neste campo é o Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. A sua revista *Finisterra*, fundada em 1966, tem publicado consistentemente ao longo dos anos textos de geografia urbana, alguns deles com uma perspectiva histórica. De qualquer forma, a história urbana permanece uma área de estudo menor. Mesmo em centros de investigação onde predominam as ciências sociais só muito recentemente e de uma forma tentativa a história urbana tem vindo a ser encarada.

Neste contexto académico, não é de estranhar que também não existam publicações periódicas dedicadas exclusivamente à história urbana. Verifica-se, apesar de tudo, um interesse crescente pela história em geral, e desde os finais dos anos 70 que começaram a ser publicadas algumas revistas dedicadas à história, quer ligadas a universidades, quer independentes. De entre elas refiram-se a *Revista de História Económica e Social*, que se iniciou em 1978, e *Ler História*, que começou a publicação em 1983, e que ocasionalmente publicam textos sobre história urbana.

Os historiadores urbanos são ainda em número reduzido, e muitos dos que escrevem sobre a história das cidades fazem-no incidentalmente, como parte dos seus interesses históricos mais latos. Referências e dados sobre a história das cidades tendem a emergir na obra de historiadores sociais, políticos ou económicos, como é o caso de José Mattoso e Oliveira Marques, medievalistas, que se têm ocupado da cidade medieval em algumas das suas obras.

A investigação na área da história urbana tem também sido levada a cabo por investigadores de outras disciplinas, os quais, embora permanecendo dentro dos seus campos de estudo específicos, têm procurado uma perspectiva temporal para os seus trabalhos. Trata-se, nestes casos, de geógrafos, sociólogos, economistas ou arquitectos que têm reflectido e produzido trabalhos sobre a cidade com uma importante componente histórica.

A identificação da cidade como um tema de análise desenvolveu-se primeiro nestas disciplinas, não na história. Partindo de uma perspectiva contemporânea, os investigadores destas disciplinas procuraram introduzir uma dimensão temporal nos seus trabalhos. Os geógrafos têm tido um papel relevante no estudo dos fenómenos urbanos, quer da cidade contemporânea, quer do seu passado histórico; os geógrafos adoptaram muitas vezes a posição de que a compreensão da cidade moderna só se torna credível se incluir também os processos históricos que a moldaram. Daí o seu interesse em enveredarem pela investigação histórica e a admissão de historiadores nas suas equipas de investigação. Alguns sociólogos e economistas também deram aos seus estudos uma perspectiva temporal, bem como os arquitectos, que sempre mostraram interesse pelo passado urbano. Contudo, a abordagem dos arquitectos tem sido principalmente relacionada com o estudo da forma — o desenho de cidades ou de conjuntos urbanos, a morfologia dos espaços, as tipologias do edificado —, muitas vezes descurando as pessoas que habitavam esses espaços ou os processos sociais que lhes deram origem.

Dada a origem disciplinar da maioria dos investigadores urbanos e o seu interesse particular por questões contemporâneas, não é de estranhar que a investigação urbana em Portugal se tenha concentrado principalmente sobre os séculos XIX e XX. Para alguns, a dimensão histórica é apenas um prefácio à sua principal área de estudo, e nestes casos a abordagem histórica da cidade torna-se quase uma questão de ritual antes de se envolverem no que realmente os preocupa. Apesar de tudo, a investigação histórica de aspectos da vida urbana a partir de várias perspectivas disciplinares tem sido extremamente informativa, constituindo uma base a partir da qual se podem vir a desenvolver estudos mais sistemáticos. Por vezes, estes estudos são suficientemente sólidos, quer do ponto de vista teórico, quer metodológico, para merecerem o título de história urbana.

Adoptaremos, pois, um conceito alargado de história urbana, incluindo nela todos os estudos que, independentemente da perspectiva disciplinar e da formação, ou ausência de formação, do investigador, se ocupam do estudo da cidade numa perspectiva histórica. Embora não exaustivamente, pretende-se dar um panorama das principais áreas de estudo e abordagens à história urbana portuguesa nos últimos anos.

A história da cidade em Portugal pode recuar até aos castros de origem celta, que culminavam os topos das colinas, habitados por pastores e agricultores. Alguns destes locais, estrategicamente importantes, viriam a ser

as bases para a fundação de cidades romanas após o século II a. C. As marcas do planeamento urbano romano são ainda evidentes nalgumas cidades, como é o caso, entre outras, de Beja, Santarém ou Chaves. Contudo, esta é uma área de estudo que permanece algo negligenciada, sendo poucos os investigadores que recentemente têm dedicado a sua atenção aos castros ou à cidade romana em Portugal. De entre eles refira-se o trabalho de Ferreira da Silva sobre a cultura castreja, os estudos de Gil Mantas sobre os castros e a cidade romana, particularmente o seu trabalho sobre o uso da fotografia aérea no estudo da arqueologia urbana, e o trabalho de Irisalva Moita e Cristina Leite, que analisa recentes teorias sobre a estrutura urbana da Lisboa romana². Importante é a síntese de Jorge Alarcão³ sobre os povoados pré-romanos e a cidade romana em Portugal e a sua resenha de investigações recentes levadas a cabo neste domínio.

A ocupação sueva e visigótica do século V ao século VIII resultou no declínio da vida urbana e mesmo no abandono de algumas cidades. A partir do século VIII assiste-se a uma nova fase de expansão urbana, com os muçulmanos, que vão permanecer em Portugal até ao século XIII. A rede de cidades estabelecida pelos Romanos foi revitalizada, e com elas a vida urbana. Algumas cidades, particularmente cidades portuárias, tiveram então um considerável desenvolvimento, especialmente no Sul, onde a presença muçulmana foi mais prolongada. A sua presença está ainda hoje fortemente marcada no desenho urbano e na estrutura viária de Silves ou de algumas zonas de Lisboa. Contudo, o significado da cidade muçulmana para a cultura urbana portuguesa e a sua importância para a caracterização formal de algumas das nossas cidades têm sido bastante esquecidos. Duas excepções são o estudo, já antigo, de Jorge Gaspar, que analisa as principais características espaciais da cidade muçulmana, e, mais recentemente, um trabalho de Oliveira Marques que se ocupa, ainda que brevemente, da permanência de alguns traços da presença muçulmana em Lisboa⁴.

² Armando Coelho F. da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal* (Paços de Ferreira, 1986); Vasco Gil Mantas, «As primitivas formas de povoamento em Portugal», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 13-55, e «Arqueologia urbana e fotografia aérea. Contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 13-26, e Irisalva Moita e Ana Cristina Leite, «Recuperar Lisboa a partir de Olisipo. Possibilidades e limitações», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 55-67. Sobre os castros, v. também José Augusto Maia Marques, «Assentamentos castrejos do concelho de Monção», in *Revista de Ciências Históricas*, vol. 2 (1987), 77-120; sobre a relação da arqueologia com a história urbana, Jorge Rodrigues e Paulo Pereira, «Algumas perspectivas de intervenção arqueológica na vila do Crato», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 115-126.

³ Jorge de Alarcão, «A cidade romana em Portugal: a formação de 'lugares centrais' em Portugal, da Idade do Ferro à romanização», in *Cidades e História* (1992), 35-70, «A cidade romana em Portugal: renovação urbana em Portugal na época romana», in *Cidades e História* (1992), 73-127, e também o estudo pioneiro *Portugal Romano* (Lisboa, 1973).

⁴ Jorge Gaspar, «A propósito da originalidade da cidade muçulmana», in *Finisterra*, 5 (1968), 19-31, e A. H. de Oliveira Marques, «A persistência do elemento muçulmano na história de Portugal após a 'reconquista': o exemplo da cidade de Lisboa», in *Novos Ensaios de História Medieval* (Lisboa, 1988), 96-107.

Após a conquista cristã, o sistema urbano foi reorganizado. Enquanto algumas cidades decaíram, outras foram revitalizadas através do repovoamento, da reestruturação da vida monástica e eclesiástica e através da reorganização das actividades mercantis. Novas cidades de fronteira, tais como Monsaraz e Redondo, ambas no Alentejo, com características urbanas idênticas às *bastides*, foram fundadas nos finais do século XIII por D. Dinis. As características morfológicas destas cidades medievais planeadas foram estudadas por Jorge Gaspar⁵, enquanto o papel destas cidades novas na defesa dos territórios recentemente conquistados e as características da rede urbana medieval são analisadas por João Garcia no seu estudo do espaço medieval do Sul de Portugal⁶. Ao mesmo tempo, isto é, a partir de finais do século XIII, procedia-se à renovação de outras cidades, quer através da construção de novas cinturas de muralhas, quer através da sua reestruturação e do planeamento de novas expansões, como foi o caso de Lisboa.

A Idade Média é um dos períodos da história urbana portuguesa que têm sido investigados mais intensamente. Oliveira Marques tem mantido um interesse constante pela história da cidade medieval e os ensaios, orientações metodológicas e listas de fontes que tem publicado são de leitura essencial para quem quer que se interesse pela cidade medieval⁷. De José Mattoso destaquem-se particularmente as suas reflexões sobre os conceitos de cidade e sobre a relação entre a cidade medieval e o poder, questões abordadas no ciclo de conferências «Cidades e história»⁸. Sob a orientação de Oliveira Marques, o Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa publicou recentemente o *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas*⁹. O atlas consiste no estudo comparativo de dezanove cidades, caracterizando a sua população, estruturas económica e social e estrutura de propriedade, administração municipal, organização militar, religião, cultura, salubridade e características morfológicas básicas sintetizadas numa planta esquemática.

⁵ Jorge Gaspar, «A morfologia de padrão geométrico na Idade Média», in *Finisterra*, vol. IV, 8 (1969), 19-31.

⁶ João Carlos Garcia, *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica* (Lisboa, 1986).

⁷ A. H. de Oliveira Marques, *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1988), *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1988), e «Cidades medievais portuguesas (algumas bases metodológicas gerais)», in *Revista de História Económica e Social*, 9 (1982), 1-16.

⁸ José Mattoso, «Introdução à história urbana: a cidade e o poder», in *Cidade e História* (1992), 9-20, «A cidade medieval na perspectiva da história das mentalidades», in *Cidades e História* (1992), 21-33, e também «A cidade de Leiria na história medieval de Portugal», in *Ler História*, 4 (1985), 3-18.

⁹ A. H. de Oliveira Marques, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas* (Lisboa, 1990).

Outros trabalhos, originalmente dissertações de mestrado ou de doutoramento, têm também vindo a ser publicados. De entre estes refira-se o trabalho de Ângela Beirante, onde nos é apresentado um panorama da vida municipal, estrutura social e crescimento urbano de Santarém entre os séculos XIII e XV, o estudo de Rita Gomes sobre o desenvolvimento urbano e a estrutura social da Guarda, a análise de Ponte de Lima medieval de Amélia Andrade ou a investigação de Vasconcelos e Sousa sobre a estrutura de propriedade de instituições de assistência em Évora nos séculos XIV e XV e o seu papel no desenvolvimento e na estrutura da cidade¹⁰. Estes estudos são parte de um maior volume de investigação histórica que tem vindo a ser realizada em vários contextos académicos e que reflecte as mudanças que ocorreram na historiografia portuguesa na última década. A anterior escassez de estudos de história económica e social e de história urbana tem vindo a ser substituída por uma produção mais regular deste tipo de estudos, particularmente no que se refere à história medieval¹¹, o que não impede que o panorama seja ainda bastante fragmentado.

As descobertas marítimas dos séculos XV e XVI deram origem a uma nova fase de desenvolvimento urbano. As cidades portuárias foram aquelas que mais beneficiaram da expansão do comércio, tendo o reinado de D. Manuel I sido particularmente importante para a transformação de Lisboa. Para além de Lisboa, o Porto, Setúbal, Aveiro ou Viana do Castelo são exemplos de outras cidades portuárias que se expandiram ou que foram profundamente reestruturadas no decorrer dos séculos XV e XVI. Cidades do interior, como Óbidos, Beja, Évora ou Braga, foram também objecto de reformas neste período. Contudo, são ainda poucas as pesquisas realizadas sobre estas transformações urbanas: o modo como a riqueza do império colonial teve expressão nas nossas cidades é uma área de investigação que apenas agora se está a desenvolver. Teresa Câmara incide sobre este tema, analisando o modo como as reformas urbanas renascentistas se reflectiram no tecido urbano de Óbidos nos séculos XVI e XVII¹². Os arquivos de igrejas e de ordens religiosas, grandes proprietárias fundiárias em muitas cidades, constituem importantes

¹⁰ Maria Ângela Beirante, *Santarém Medieval* (Lisboa, 1980); Rita Costa Gomes, *A Guarda Medieval, 1200-1500* (Lisboa, 1987); Amélia A. Andrade, *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima* (Lisboa, 1990), e Bernardo Vasconcelos e Sousa, *A Propriedade das Albergarias de Évora nos Finais da Idade Média* (Lisboa, 1990).

¹¹ Neste contexto, v. os trabalhos recentemente publicados de Amélia Aguiar Andrade, «Um percurso através da paisagem urbana medieval», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 57-78; Maria Ângela V. da R. Beirante, *O Alentejo na Segunda Metade do Século XIV* (Porto, 1986), Sérgio Luís Carvalho, *Cidades Medievais Portuguesas. Uma Introdução ao Seu Estudo* (Lisboa, 1989), Iria Gonçalves, *Posturas Municipais e Vida Urbana na Baixa Idade Média: o Exemplo de Lisboa* (Porto, 1986), Iria Gonçalves, *Imagens do Mundo Medieval* (Lisboa, 1988), e Fernandes Hermenegildo, *Uma Cidade no Imaginário: Lisboa Muçulmana nas Descrições de Idrisi e de Raulfo de Granville* (Porto, 1986).

¹² Teresa B. Câmara, *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo* (Óbidos, 1989).

fontes de informação que foram exploradas por Ana Maria Rodrigues para o seu estudo sobre a estrutura económica e espacial de Torres Vedras no século XV e por Ângela Beirante no trabalho sobre o crescimento urbano, morfologias e transformações na estrutura económica e social de Santarém quinhentista¹³.

Por vezes, exposições temáticas e os seus catálogos constituem importantes fontes de informação e suprem algumas carências de investigação. Este é o caso de *Lisboa Quinhentista, a Imagem e a Vida da Cidade*, catálogo de uma exposição organizada pela Câmara Municipal de Lisboa, em que, em três curtos ensaios, nos é dada uma síntese das principais características do espaço urbano e da sociedade de Lisboa no século XVI¹⁴. Outro trabalho relevante sobre a cidade de Quinhentos é a investigação de Renata de Araújo, que nos mostra como o espaço urbano de Lisboa funcionava como palco e era também parte integrante de festividades profanas e religiosas quinhentistas¹⁵. Num registo completamente diferente Teresa Rodrigues investiga questões de saúde pública e ambiente urbano, focando as condições sanitárias da cidade no século XVI¹⁶.

O urbanismo colonial é um vasto campo de investigação ainda pouco explorado. Uma componente essencial da política portuguesa de controle das rotas marítimas e dos territórios coloniais foi a construção, a partir do século XV, de fortes, feitorias e cidades ao longo das costas de África, Brasil, Índia e do Extremo Oriente. Estas implantações urbanas exibem uma variedade de influências, de modelos e de referências formais, quer vernaculares, quer eruditos, alguns de raiz portuguesa, outros de origem local, existindo um imenso trabalho de investigação ainda por realizar nesta área. Só recentemente, com o início das comemorações dos quinhentos anos dos Descobrimentos, se renovou o interesse pelo tema da cidade colonial, tendo-se iniciado alguns projectos de investigação, embora os trabalhos publicados daí resultantes sejam ainda raros. Uma referência clássica nesta área de estudo continua a ser o trabalho de Mário Chicó, muito citado desde a sua publicação, em 1956, que trata da influência dos traçados ideais das cidades

¹³ Ana Maria Rodrigues, «O domínio rural e urbano da colegiada de São Pedro de Torres Vedras no final do século XV», in *Revista de História Económica e Social*, 17 (1986), e Maria Ângela V. da R. Beirante, *Santarém Quinhentista* (Lisboa, 1981).

¹⁴ Irisalva Moita, «A imagem e a vida da cidade», Fernando António Pereira, «Atitudes e mentalidades», e Paulo Pereira e Ana Cristina Leite, «Espiritualidade e religiosidade na Lisboa de Quinhentos», in *Lisboa Quinhentista*, ed. Irisalva Moita (Lisboa, 1983), 9-41.

¹⁵ Renata de Araújo, *Lisboa, a Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos* (Lisboa, 1990).

¹⁶ Teresa Rodrigues, *Crises de Mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII* (Lisboa, 1990), e Teresa Rodrigues, Rita Andersen e Vera Ortigão Ramos, *Para o Estudo das Pestes e Epidemias na Lisboa Quinhentista* (Ferreira do Zêzere, 1986).

renascentistas na estrutura urbana de cidades portuguesas construídas na Índia¹⁷. De entre os estudos publicados mais recentemente destaca-se o trabalho de Ilídio do Amaral, que sintetiza as principais características geográficas das cidades coloniais construídas pelos Portugueses na costa atlântica nos séculos XV e XVI e o seu papel na nova ordem mundial que havia resultado do movimento das «descobertas»¹⁸. As características fundamentais do urbanismo colonial português foram analisadas por Madeira Rodrigues, em relação ao Brasil particularmente, enquanto Manuel Teixeira investiga os modelos de referência das cidades coloniais portuguesas que, na sua perspectiva, incluem a cidade muçulmana, as cidades planeadas da Idade Média e os modelos eruditos renascentistas¹⁹. Uma obra de referência fundamental para o estudo do urbanismo colonial é o atlas de cartografia e de iconografia das cidades portuguesas ultramarinas organizado por Luís Silveira²⁰. Concentrando-se na análise das morfologias urbanas, apesar da falta de um estudo comparativo dos exemplos recolhidos, é um trabalho valioso e a única obra de síntese neste domínio. Outros estudos que se ocupam das cidades coloniais em períodos históricos mais recentes, focando as suas dinâmicas de desenvolvimento, incluem o trabalho de José Venâncio sobre a cidade de Luanda no século XVIII, a investigação de Ilídio do Amaral sobre a urbanização de Angola e a investigação de Clara Mendes sobre Maputo²¹.

Os desastres naturais parece exercerem um fascínio sobre os historiadores urbanos em muitos países. Portugal não é exceção. O terramoto de 1755 e a reconstrução da cidade que se seguiu são o motivo para um renovado interesse pela história urbana. De facto, a segunda metade do século XVIII constituiu um ponto de viragem no urbanismo português. O plano de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel para a reconstrução da Baixa de Lisboa é um exemplo importante do urbanismo europeu setecentista e tornou-se o modelo para outras intervenções urbanas, quer em Portugal, quer nas colónias,

¹⁷ Mário T. Chicó, «A cidade ideal do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia», in *Garcia de Orta*, número especial (1956), 319-328.

¹⁸ Ilídio Peres do Amaral, «Cidades coloniais portuguesas (notas preliminares para uma geografia histórica)», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 193-214.

¹⁹ Maria João Madeira Rodrigues, «Olinda e Recife, uma situação de bipolaridade no urbanismo colonial português», in *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, 1 (1979), 67-94, e Manuel Teixeira, «Portuguese traditional settlements, a result of cultural miscegenation», in *Traditional Dwellings and Settlements Review*, vol. 1, 2 (1990), 23-24.

²⁰ Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas no Ultramar* (Lisboa, s. d.).

²¹ José Carlos Venâncio, «Espaço e dinâmica populacional em Luanda no século XVIII», in *Revista de História Económica e Social*, 14 (1984), 67-89; Ilídio Peres do Amaral, «Contribuição para o conhecimento do fenómeno de urbanização de Angola», in *Finisterra*, 25 (1978), e Maria Clara Mendes, *Maputo antes da Independência. Geografia de Uma Cidade Colonial* (Lisboa, 1985).

nomeadamente no Brasil. Este plano, construído sob a égide do marquês de Pombal, foi objecto de vários estudos. Pioneiro entre eles é a investigação de José Augusto França sobre o planeamento e a arquitectura da reconstrução de Lisboa, que são interpretados como expressões do iluminismo setecentista²². Sobre este período da história de Lisboa também se debruça Luís Madureira, integrando a sua abordagem do espaço urbano numa reflexão mais lata sobre os quotidianos da cidade na segunda metade do século XVIII, princípio do XIX²³. Incidindo ainda sobre Lisboa, o catálogo da exposição *Lisboa e o Marquês de Pombal*²⁴, organizada em 1982, é uma importante obra de referência pela riqueza de informação e de material gráfico que contém, resultado de uma investigação cuidada. O planeamento urbano setecentista, em particular as relações entre o poder político e o urbanismo, é o tema da dissertação de Horta Correia²⁵, que toma por referência Vila Real de Santo António, outra cidade reconstruída pelos arquitectos de Pombal, após o terramoto de 1755, com um plano regular.

Na segunda metade do século XVIII a expansão urbana da cidade do Porto foi também levada a cabo recorrendo aos mesmos princípios urbanísticos e legais que haviam sido desenvolvidos e aplicados na reconstrução de Lisboa. As principais fases e as características morfológicas da urbanização setecentista do Porto são examinadas por Mandroux-França²⁶; sobre o mesmo tema, Ferreira Alves investigou detalhadamente as obras públicas executadas na cidade durante as administrações dos Almadas, governadores do Porto entre 1757 e 1804²⁷. Uma parte inovadora desta investigação é dedicada ao estudo dos arquitectos envolvidos nas obras, aos vários tipos de trabalhadores e à organização do sector da construção no Porto do século XVIII. Bernardo Ferrão estudou também as transformações urbanas do Porto entre 1758 e 1813, sob os Almadas²⁸, ainda que baseado apenas em fontes secundárias.

²² José Augusto França, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo* (Lisboa, 1966) e *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina* (Lisboa, 1978). Para uma síntese da evolução urbana de Lisboa, v., de José Augusto França, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura* (Lisboa, 1980).

²³ Nuno Luís Madureira, *Cidade: Espaço e Quotidiano* (Lisboa, 1992).

²⁴ Câmara Municipal de Lisboa, *Lisboa e o Marquês de Pombal* (Lisboa, 1982).

²⁵ José Horta Correia, «Vila Real de Santo António. Urbanismo e Poder na Política Pombalina» (dissertação de doutoramento em História de Arte, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1984, policopiado).

²⁶ Marie-Thérèse Mandroux-França, «Quatro fases da urbanização do Porto no século XVIII», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2 (1984), 239-274.

²⁷ Joaquim Ferreira Alves, *O Porto na Época dos Almadas* (Porto, 1988).

²⁸ Bernardo José Ferrão, *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813* (Porto, 1989).

As comunicações apresentadas na conferência «O Porto na época moderna» dão-nos uma leitura global da vida e da estrutura da cidade entre os séculos XVI e XVIII, ao mesmo tempo que nos oferecem uma perspectiva do desenvolvimento entre nós de alguns temas importantes da história urbana. A análise dos ciclos de construção no século XVIII, de José Marques e Alberico Tavares, e a investigação de José Marques sobre as propriedades reais no Porto e o seu papel no desenvolvimento urbano da cidade; a investigação de Baquero Moreno sobre a manutenção da ordem pública na cidade; o estudo demográfico de Cândido dos Santos sobre o Porto no antigo regime ou o trabalho de Maria Adelaide Meireles sobre a cultura literária da sociedade de Setecentos²⁹ são exemplos de linhas de investigação inovadoras, relacionadas com a estrutura social e a economia urbanas, que seria interessante ver retomadas em relação a outras cidades portuguesas³⁰.

A industrialização portuguesa foi tardia e principalmente concentrada em Lisboa e no Porto. Os efeitos da industrialização nestas duas cidades sentiram-se com maior intensidade a partir da segunda metade do século XIX e constituem um catálogo de problemas comuns a outras cidades oitocentistas e familiares aos historiadores urbanos: crescimento da população urbana e aumento das densidades populacionais e habitacionais, desenvolvimento de soluções de habitação precária e sobreocupação de espaços residenciais, zonas urbanas degradadas e más condições sanitárias.

A segunda metade do século XIX correspondeu a um acelerado processo de urbanização em Portugal. Em 1864 a população que vivia em áreas urbanas de mais de 2000 habitantes era apenas 10,4% da população total do país, em 1900 essa percentagem era de 14,7% e em 1940 atingia 17,9%³¹. Para além disso, acentuou-se a forte polarização da rede urbana portuguesa:

²⁹ José Marques e Alberico Tavares, «Ritmos de construção civil no Porto do século XVIII», in *Revista de História*, vol. III (1980), 39-52; José Marques, «Património régio na cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV», in *Revista de História*, vol. III (1980), 73-97; Humberto Baquero Moreno, «A manutenção da ordem pública no Porto quatrocentista», in *Revista de História*, vol. II (1979), 365-373; Cândido dos Santos, «Alguns aspectos da demografia portuense durante o antigo regime», in *Revista de História*, vol. II (1979), 149-157, e Maria de Azevedo Meireles, «A actividade livreira no Porto no século XVIII», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 7-22.

³⁰ Para além dos temas já referidos, a economia urbana, as infra-estruturas de transportes, a cartografia e a iconografia foram outros temas abordados, nesta conferência, ilustrando a diversidade da história urbana [v. Armando de Castro, «O Porto na transição para o sistema económico contemporâneo», in *Revista de História*, vol. II (1979), 105-118, A. Barbosa de Abreu, «A evolução da cidade do Porto e os sistemas de transportes», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 193-202, e Xavier Coutinho, «Subsídios para o estudo da iconografia e urbanismo da cidade do Porto», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 163-180].

³¹ F. Marques da Silva, *O Povoamento da Metrópole através dos Censos*, anexo III (Lisboa, 1971), 68.

duas grandes cidades, Lisboa e Porto, com uma população global correspondendo a cerca de metade da população urbana do país, dominam a hierarquia urbana, seguidas por um conjunto de cidades bastante mais pequenas, muitas das quais no limite de se poderem considerar urbanas.

Existe um maior número de estudos sobre este período do que sobre qualquer outro período da história urbana portuguesa, a maior parte deles focando as cidades de Lisboa e do Porto, onde foi maior o impacto do desenvolvimento urbano. Verifica-se também uma maior variedade de abordagens disciplinares: para além dos historiadores, encontramos geógrafos, economistas, sociólogos e arquitectos debruçando-se sobre a cidade industrial e os fenómenos associados ao crescimento urbano. A análise demográfica constituiu a base para o estudo de Magda Pinheiro sobre o crescimento urbano das cidades portuguesas no século XIX, bem como para a investigação, mais detalhada, de António Ravara sobre os padrões de crescimento de Lisboa e do Porto na segunda metade do século e o estudo de Rui Cascão sobre a Figueira da Foz³².

As condições que deram origem à forma e à localização da habitação operária no Porto no século XIX foram identificadas por Manuel Teixeira, baseado numa investigação de registos prediais e notariais, enquanto a caracterização das formas de habitação popular oitocentista em Lisboa havia já sido tema de investigação de Madeira Rodrigues no contexto das transformações urbanas da cidade na segunda metade do século³³. O papel das infra-estruturas de transporte no desenvolvimento e na estruturação das cidades oitocentistas foi discutido por Barata Salgueiro e por Lopes Vieira em relação a Lisboa³⁴. No final do século XIX o plano de Ressano Garcia para a

³² Magda Pinheiro, «Crescimento e modernização das cidades no Portugal oitocentista», in *Ler História*, 20 (1990), 79-107; António Ravara, «O crescimento de Lisboa e do Porto na segunda metade do século XIX e nos princípios do século XX», in *Clio*, vol. 4 (1982), 79-93, e Rui Cascão, «Demografia e sociedade, a Figueira da Foz na primeira metade do século XIX», in *Revista de História Económica e Social*, 15 (1985), 83-122.

³³ Manuel Teixeira, «Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das 'ilhas' da cidade do Porto», in *Sociedade e Território*, 2 (1985), 74-89; Maria J. Madeira Rodrigues, «Tradição, transição e mudança. A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa* (1978), 3-96.

³⁴ Teresa Barata Salgueiro, «Os transportes no desenvolvimento das cidades portuguesas» (1987), in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 113-114, e António Lopes Vieira, *Os Transportes Públicos de Lisboa entre 1830 e 1910* (Lisboa, 1982).

Outras abordagens dos processos de transformação urbana oitocentista são o estudo de Manuel L. Real e Rui Tavares «Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 389-417, e o estudo sumário das principais características urbanas de Lisboa na passagem do século, de Teresa Barata Salgueiro e João Carlos Garcia, «Lisboa nos fins do século XIX. Geografia de uma transição», in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro* (Lisboa, 1988), 399-410; a renovação urbana do Porto no princípio deste século é tratada por Rui Tavares, «Da avenida da cidade ao plano para a zona central. A intervenção de Barry Parker no Porto», in *Boletim Cultural*, vols. 3/4 (1985-1986), 261-324.

expansão urbana de Lisboa foi a expressão portuguesa das ideias reformistas que desde meados do século tinham inspirado vários planos para a expansão e reestruturação de cidades europeias. O plano de Ressano Garcia tem sido objecto de vários estudos. De entre eles refira-se o trabalho de Raquel Henriques da Silva, que trata das principais questões relacionadas com o desenvolvimento da cidade de Lisboa no século XIX³⁵, ainda que por vezes sem a profundidade que o tema justifica. Dois catálogos de exposições, *Lisboa Oitocentista* (1976) e *Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1874-1909* (1989)³⁶, dão-nos uma visão concisa, ainda que necessariamente superficial, sobre este tema. Apesar disso, qualquer destes estudos contém preciosos elementos de referência. Embora Lisboa seja a cidade mais estudada, uma investigação sistemática de Lisboa oitocentista a partir de diferentes perspectivas disciplinares e utilizando diversas metodologias de investigação ainda continua por fazer.

As políticas urbanas do Estado Novo têm sido investigadas fundamentalmente por sociólogos, geógrafos e arquitectos. Entre outros, Matias Ferreira adopta uma perspectiva sociológica para em vários dos seus trabalhos identificar os processos de organização espacial e diferenciação social em Lisboa ao longo do século XX³⁷; Nunes da Silva faz uma análise geográfica dos principais factores determinantes da estrutura espacial de Lisboa entre 1926 e 1974 e do papel do planeamento urbano no processo de diferenciação espacial da cidade³⁸. Uma outra abordagem a este mesmo tema é a análise de Fernando Gonçalves sobre a estrutura legal do planeamento urbano durante o Estado Novo e as características formais da cidade que daí resultaram³⁹. Dada a ausência de investigação que ainda existe nalgumas áreas, mais uma vez são os catálogos de exposições que vêm preencher esses vazios. O catálogo da exposição *Arte Portuguesa Anos Quarenta* (1982)⁴⁰ é uma obra de referência necessária; os estudos e a informação factual que nele se incluem constituem uma boa base de conhecimento para a compreensão da história de Lisboa na primeira metade do século.

³⁵ Raquel Henriques da Silva, «Do passeio público às avenidas novas. Percursos, imagens e factos da Lisboa oitocentista», in *Revista de História Económica e Social*, 23 (1988), 21-41. Sobre este tema v. também o já referido trabalho de Maria J. Madeira Rodrigues, «Tradição, transição e mudança. A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa* (1978), 3-96.

³⁶ Academia Nacional de Belas-Artes, *Lisboa Oitocentista* (Lisboa, 1976), e Raquel Henriques da Silva (ed.), *Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1874-1909* (Lisboa, 1989).

³⁷ Vítor Matias Ferreira, «A Lisboa do império e o Portugal dos Pequenos: estrutura fundiária e política urbana de Lisboa, anos de 1930-1940», in *Análise Social*, 77-78-79 (1983), 693-735, «Política fundiária e recomposição sócio-política do Estado Novo», in *Arquitectura*, 151 (1983), e *A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole* (Lisboa, 1987).

³⁸ Carlos Nunes Silva, *Planeamento Municipal e a Organização do Espaço em Lisboa: 1926-1974* (Lisboa, 1987).

³⁹ Fernando Gonçalves, «Urbanística à Duarte Pacheco», in *Arquitectura*, 142 (1981), 20-37.

⁴⁰ Fundação Calouste Gulbenkian, *Os Anos 40 na Arte Portuguesa* (Lisboa, 1982).

Outros trabalhos que se podem incluir num conceito alargado de história urbana são os estudos temáticos, que não se concentram num período histórico particular, mas adoptam antes uma perspectiva temporal mais lata, ou algumas abordagens disciplinares específicas. Estão neste caso a síntese da evolução urbana de Braga realizada por Pires Oliveira, Souto Moura e João Mesquita, em que a linha condutora do estudo é a relação entre a dimensão formal da cidade e os processos de desenvolvimento urbano, ou o trabalho de Ana Margarido sobre as morfologias urbanas de Leiria⁴¹. Dois trabalhos que se debruçam particularmente sobre questões arquitectónicas são o estudo de Hélder Carita sobre as tipologias dos edifícios e as morfologias urbanas do Bairro Alto, em Lisboa, desde o início do seu desenvolvimento, no século XVI, até à actualidade, e a investigação de Teotónio Pereira sobre as tipologias de habitação colectiva em Lisboa do século XVII até aos anos 30 deste século, relacionando-as com as sucessivas fases de crescimento da cidade⁴². Ainda neste domínio, o *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*⁴³, embora não pretenda ser um trabalho de história urbana, é um bom guia da história das morfologias urbanas e das tipologias arquitectónicas de Lisboa.

O simbolismo da cidade é uma dimensão de estudo que está ainda pouco investigada. A imagem da cidade revelada, quer nas estruturas materiais, quer nas estruturas mentais, isto é, a análise das múltiplas interacções entre as estruturas físicas da cidade — edifícios e espaços urbanos — e as suas expressões nas atitudes, valores e imagens reveladas nas fontes literárias e iconográficas, constitui uma vasta área de investigação a explorar. As comunicações apresentadas ao colóquio «O imaginário da cidade» constituem uma síntese de diferentes abordagens, necessariamente sumárias, a este tema. De entre elas destaquem-se os trabalhos de Francisco Bethencourt, Ramada Curto e Teolinda Gerção⁴⁴, os quais, utilizando fontes cartográficas e literárias, fazem incursões no imaginário de Lisboa, estabelecendo pontes entre a cidade material e a cidade imaginada em diferentes momentos históricos.

⁴¹ Eduardo Pires de Oliveira, Eduardo Souto Moura e João Mesquita, *Braga. Evolução da Estrutura Urbana* (Braga, 1982), e Ana Paula Margarido, *Leiria: História e Morfologia Urbana* (Leiria, 1988). De referir também, como exemplo de um estudo temático, a investigação sobre os factores de localização e a escolha do sítio da cidade portuguesa, de José Manuel Fernandes, «O lugar da cidade portuguesa», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 79-112.

⁴² Hélder Carita, *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos* (Lisboa, 1990), e Nuno Teotónio Pereira, *Evolução das Formas de Habitação Plurifamiliar na Cidade de Lisboa* (Lisboa, 1979).

⁴³ Associação dos Arquitectos Portugueses, *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa* (Lisboa, 1987).

⁴⁴ Francisco Bethencourt, «Descrições e representações de Lisboa no século XVI», in *O Imaginário da Cidade* (Lisboa, 1989), 117-130, Diogo Ramada Curto, «Descrições e representações de Lisboa (1600-50)», *ibid.*, 131-146, e Teolinda Gerção, «A cidade real e a cidade imaginada. Imagens de Lisboa em 1755 em textos portugueses e alemães do século XVIII», *ibid.*, 179-208.

Finalmente, deverão ser referenciadas algumas obras de síntese no domínio da geografia urbana que nos oferecem perspectivas globais sobre os processos de desenvolvimento urbano em Portugal num quadro temporal bastante alargado. Estão neste caso a investigação de Pereira de Oliveira sobre a evolução urbana e as morfologias urbanas da cidade do Porto, o estudo de Soeiro de Brito sobre o desenvolvimento demográfico e espacial de Lisboa e o trabalho de Barata Salgueiro sobre a cidade em Portugal⁴⁵. Este último estudo debruça-se sobre um conjunto de questões fulcrais para a compreensão da realidade urbana portuguesa, incluindo a estruturação da rede urbana, a caracterização do processo de desenvolvimento urbano e a sua periodização e a estrutura formal e funcional das cidades, tornando-se uma obra de referência necessária para investigações mais aprofundadas no domínio da história urbana.

Esta breve panorâmica da recente investigação urbana em Portugal mostra que o trabalho até agora realizado tem sido irregular e que este campo de estudo está ainda bastante por explorar. A história urbana em Portugal não se estabeleceu ainda como uma disciplina autónoma, com o seu próprio corpo de ideias, metodologias e objectivos. Existem problemas de definição de conteúdos e de objectivos: os termos de referência da história urbana e a unidade de análise, a cidade, permanecem imprecisos. A história urbana tende a ser vista ou como a história do desenvolvimento espacial de cidades ou de zonas particulares de cidades, uma espécie de história da arquitectura ou do planeamento, ou como história social, em que a cidade é entendida como o palco em que tais processos se desenvolvem.

Existe, portanto, um volume considerável de investigação a realizar sobre a história dos aglomerados urbanos portugueses. Longos períodos históricos com uma dimensão urbana bastante rica quase não foram investigados, da mesma forma que temas específicos importantes para a compreensão da história urbana em Portugal não foram ainda suficientemente explorados ou têm sido completamente ignorados. De entre as muitas questões a que a história urbana portuguesa deveria dedicar maior atenção incluem-se, sem a pretensão de ser exaustivo, o estudo das estruturas sociais e económicas das cidades, a industrialização e o desenvolvimento de mercados de trabalho locais, a emigração e as características dos movimentos da população urbana, os serviços e os equipamentos das cidades, a saúde pública e as condições de vida urbana, a habitação — incluindo quer as políticas, quer as formas de habitação — de vários estratos da população urbana, bem como mais estudos sobre as morfologias e as tipologias urbanas e sobre a cultura urbana. Trata-se, sem dúvida, de um vasto plano de trabalho a desenvolver.

⁴⁵ J. M. Pereira de Oliveira, *O Espaço Urbano do Porto, Condições Naturais e Desenvolvimento* (Coimbra, 1973); Raquel Soeiro de Brito, «Lisboa. Esboço geográfico», in *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, 82 (1976), 3-206, e Teresa Barata Salgueiro, *A Cidade em Portugal* (Porto, 1992).

De facto, alguns destes temas estão já a ser desenvolvidos em projectos de pesquisa em curso. Mas existem outros problemas, de natureza metodológica e disciplinar, que necessitam de ser explorados urgentemente. A falta de investigações interdisciplinares, a falta de estudos quantitativos sobre a cidade e a falta de estudos de detalhe são alguns dos principais problemas. A maior parte dos trabalhos de história urbana referidos acima são estudos de cidades individuais, ou de bairros de cidades, sendo praticamente inexistentes os estudos comparativos de dois ou mais conjuntos urbanos. Também a carência de estudos quantitativos, especialmente uma base sólida de estudos de demografia histórica, dificulta o desenvolvimento de estudos comparativos de diferentes situações urbanas. Métodos de análise mais rigorosos, um maior número de estudos de casos solidamente baseados em investigações de base, o desenvolvimento de estudos comparativos e equipas de investigação multidisciplinares são essenciais para o progresso da história urbana em Portugal.

O estudo da história urbana implica o diálogo entre vários ramos do conhecimento. Essencialmente multidisciplinar, a história urbana deve ultrapassar as barreiras existentes entre os vários ramos da história e incentivar a colaboração entre diferentes disciplinas. Só através do estudo sistemático de um grande número de variáveis é que as dinâmicas do processo urbano podem ser compreendidas, sendo a tarefa do historiador sintetizar os resultados das diferentes abordagens disciplinares num todo coerente. Uma consequência inevitável disto deverá ser o desenvolvimento de pesquisas colectivas por equipas multidisciplinares, em vez de estudos individuais. Para tal será necessário o desenvolvimento de estruturas académicas e institucionais que privilegiem este tipo de abordagem.

Por outro lado, muitos dos trabalhos acima referidos são o que se pode chamar estudos institucionais, no sentido em que se baseiam predominantemente em registos oficiais ou institucionais. Estes estudos utilizam dados que foram seleccionados e guardados por motivos muito específicos: registar a história oficial. A história é aquilo de que nos recordamos, mas, se não formos suficientemente cuidadosos na escolha das fontes, acabamos por apenas nos recordarmos daquilo que, a partir do passado, nos é dito para recordarmos. Para evitar tal situação há a necessidade de desenvolver mais estudos de história urbana que se baseiam numa grande variedade de registos e de dados primários e que tenham fundamentalmente a ver com os indivíduos e com as suas acções como indivíduos.

A fim de recuperarmos esta dimensão humana dos fenómenos urbanos é essencial o estudo dos ciclos curtos da história, dos microfenómenos. É a este nível básico que a complexidade da vida urbana e os processos que moldam a cidade podem ser compreendidos: é a este nível que se torna evidente que as acções individuais não são condicionadas simplesmente por motivações racionais, mas são necessariamente influenciadas também por factores subjectivos e culturais. Só através da análise detalhada de situações

particulares se podem compreender os grandes processos sociais, económicos e culturais da sociedade urbana. Este é o nível de investigação em que a história urbana portuguesa actual se encontra mais carenciado.

Estas considerações podem ser prematuras no contexto da actual situação da história urbana em Portugal. Existem ainda grandes vazios no conhecimento de muitos aspectos da história urbana portuguesa e são necessários muitos mais estudos, quer cronologicamente, quer disciplinarmente e metodologicamente, diversos. No entanto, se bem que tais estudos sejam necessários e urgentes, a discussão de questões metodológicas e epistemológicas sobre o objecto de estudo e a especificidade da história urbana deve ocorrer simultaneamente, cada uma destas tarefas contribuindo para o desenvolvimento da outra.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A. Barbosa de, «A evolução da cidade do Porto e os sistemas de transportes», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 193-202.
- ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES, *Lisboa Oitocentista* (Lisboa, 1976).
- AGUIAR, Manuel Marques de, «Notas sobre o enquadramento urbano do jardim do passeio alegre», in *Revista de História*, vol. III (1980).
- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano* (Lisboa, 1973).
- ALARCÃO, Jorge de, «A cidade romana em Portugal: a formação de 'lugares centrais' em Portugal, da Idade do Ferro à romanização», in *Cidades e História* (1992), 35-70.
- ALARCÃO, Jorge de, «A cidade romana em Portugal: renovação urbana em Portugal na época romana», in *Cidades e História* (1992), 73-127.
- ALMEIDA, Carlos A. F. de, «Urbanismo na alta Idade Média em Portugal: alguns aspectos e os seus muitos problemas», in *Cidades e História* (1992), 129-136.
- ALMEIDA, Carlos A. F. de, «Muralhas romanas e cercas góticas de algumas cidades do centro norte de Portugal. A sua lição para a dinâmica urbana de então», in *Cidades e História* (1992), 137-142.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira, *O Porto na Época dos Almadás* (Porto, 1988).
- AMARAL, I. Peres do, «Cidades coloniais portuguesas (notas preliminares para uma geografia histórica)», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 193-214.
- AMARAL, I. Peres do, «Contribuição para o conhecimento do fenómeno de urbanização de Angola», in *Finisterra*, 25 (1978).
- AMORIM, Maria N. B., *Guimarães, 1580-1819. Estudo Demográfico* (Lisboa, 1987).
- ANDRADE, Amélia Aguiar, *Um Espaço Urbano Medieval, Ponte de Lima* (Lisboa, 1990).
- ANDRADE, Amélia Aguiar, «Um percurso através da paisagem urbana medieval», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 57-58.
- ARAGÃO, António, *Para a História do Funchal, Pequenos Passos da Sua Memória* (Funchal, 1979).
- ARAÚJO, Ilídio de, «Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto», in *Revista de História*, vol. II (1979), 375-388.
- ARAÚJO, Renata de, *Lisboa. A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos* (Lisboa, 1990).
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES, *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa* (Lisboa, 1987).

- BEIRANTE, Maria Ângela V. da R., *O Alentejo na Segunda Metade do Século XIV* (Porto, 1986).
- BEIRANTE, Maria Ângela V. da R., *Santarém Medieval* (Lisboa, 1980).
- BEIRANTE, Maria Ângela V. da R., *Santarém Quinhentista* (Lisboa, 1981).
- BETHENCOURT, Francisco, «Descrições e representações de Lisboa no século XVI», in *O Imaginário da Cidade* (Lisboa, 1989), 117-130.
- BRITO, R. S., «Lisboa. Esboço geográfico», in *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, 82 (1976), 3-206.
- CÂMARA, Teresa B., *Óbidos. Arquitectura e Urbanismo* (Óbidos, 1989).
- CARITA, Helder, *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos* (Lisboa, 1990).
- CARVALHO, Sérgio Luís, *Cidades Medievais Portuguesas. Uma Introdução ao Seu Estudo* (Lisboa, 1989).
- CASCÃO, Rui, «Demografia e sociedade. A Figueira da Foz na primeira metade do século XIX», in *Revista de História Económica e Social*, 15 (1985), 83-122.
- CASTRO, Armando, «O Porto na transição para o sistema económico contemporâneo», in *Revista de História*, vol. II (1979), 105-118.
- CHICÓ, Mário T., «A cidade ideal do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia», in *Garcia de Orta*, número especial (1956).
- CORREIA, J. E. Horta, «Vila Real de Santo António. Urbanismo e Urbanismo e Poder na Política Pombalina» (dissertação de doutoramento em História de Arte, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1984, policopiado).
- COUTINHO, Xavier, «Subsídios para o estudo da iconografia e urbanismo da cidade do Porto», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 163-180.
- CRESPO, Angel, *Lisboa Mítica e Literária* (Lisboa, 1990).
- CURTO, Diogo Ramada, «Descrições e representações de Lisboa (1600-1650)», in *O Imaginário da Cidade* (Lisboa, 1989), 131-146.
- FERNANDES, José Manuel, *Angra do Heroísmo* (Lisboa, 1989).
- FERNANDES, José Manuel, «O lugar da cidade portuguesa», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 79-112.
- FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadas. 1758-1813. Uma Contribuição para o Estudo da Cidade Pombalina* (Porto, 1989).
- FERREIRA, Vítor Matias, *A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole* (Lisboa, 1987).
- FERREIRA, Vítor Matias, «Política fundiária e recomposição sócio-política do Estado Novo», in *Arquitectura*, 151 (1983), 31-37.
- FERREIRA, Vítor Matias, «A Lisboa do império e o Portugal dos Pequeninos: estrutura fundiária e política urbana de Lisboa, anos de 1930-1940», in *Análise Social*, 77-78-79 (1983), 693-735.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Os Anos 40 na Arte Portuguesa* (Lisboa, 1982).
- FRANÇA, José Augusto, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura* (Lisboa, 1980).
- FRANÇA, José Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo* (Lisboa, 1966).
- FRANÇA, José Augusto, *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina* (Lisboa, 1978).
- GAMA, António, «O espaço na revolução republicana de 1910», in *Revista de História das Ideias*, vol. 7 (1985), 335-346.
- GARCIA, João Carlos, *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica* (Lisboa, 1986).
- GASPAR, Jorge, «Estudo geográfico das aglomerações urbanas em Portugal continental», in *Finisterra*, vol. X, 19 (1975).
- GASPAR, Jorge, «A morfologia de padrão geométrico na Idade Média», in *Finisterra*, vol. IV, 8 (1969).
- GASPAR, Jorge, *Urban Growth Trends in Portugal* (Lisboa, 1980).
- GERÇÃO, Teolinda, «A cidade real e a cidade imaginada. Imagens de Lisboa em 1755 em textos portugueses e alemães do século XVIII», in *O Imaginário da Cidade* (Lisboa, 1988), 179-208.
- GOMES, Rita Costa, *A Guarda Medieval, 1200-1500* (Lisboa, 1987).
- GONÇALVES, Fernando, «Urbanística à Duarte Pacheco», in *Arquitectura*, 142 (1981), 20-37.
- GONÇALVES, Iria, *Imagens do Mundo Medieval* (Lisboa, 1988).

- HERMENEGILDO, Fernandes, *Uma Cidade no Imaginário Medieval: Lisboa Muçulmana nas Descrições de Idrisi e de Ranulfo de Granville* (Porto, 1986).
- MADUREIRA, Nuno Luís, *Cidade: Espaço e Quotidiano* (Lisboa, 1992).
- MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse, «Quatro fases da urbanização do Porto no século XVIII», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2 (1984), 239-274.
- MANTAS, Vasco Gil, «Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 13-26.
- MANTAS, Vasco Gil, «As primitivas formas de povoamento em Portugal», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 13-56.
- MARGARIDO, Ana Paula, *Leiria: História e Morfologia Urbana* (Leiria, 1988).
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1988).
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1988).
- MARQUES, A. H. de Oliveira, «Cidades medievais portuguesas (algumas bases metodológicas gerais)», in *Revista de História Económica e Social*, 9 (1982), 1-16.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas* (Lisboa, 1990).
- MARQUES, José Augusto Maia, «Assentamentos castrejos do concelho de Monção», in *Revista de Ciências Históricas*, vol. 2 (1987), 77-120.
- MARQUES, José, e Alberico Távares, «Ritmos de construção civil no Porto do século XVIII (1698-1789)», in *Revista de História*, vol. III (1980), 39-52.
- MARQUES, José, «Património régio na cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV (subsídios para o seu estudo)», in *Revista de História*, vol. III (1980), 73-98.
- MATTOSO, José, «Introdução à história urbana: a cidade e o poder», in *Cidades e História* (1992), 9-20.
- MATTOSO, José, «A cidade medieval na perspectiva da história das mentalidades», in *Cidades e História* (1992), 21-34.
- MATTOSO, José, «A cidade de Leiria na história medieval de Portugal», in *Ler História*, 4 (1985), 3-18.
- MEIRELES, Maria Adelaide de Azevedo, «A actividade livreira no Porto no século XVIII (contribuição para o seu estudo)», in *Revista de História*, vol. IV (1981), 7-22.
- MENDES, Maria Clara, *Maputo antes da Independência. Geografia de Uma Cidade Colonial* (Lisboa, 1985).
- MOITA, Irisalva, e Ana Cristina Leite, «Recuperar Lisboa a partir de Olissipo. Possibilidades e limitações», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 55-67.
- MOITA, Irisalva (ed.), *Lisboa e o Marquês de Pombal* (Lisboa, 1982).
- MOITA, Irisalva (ed.), *Lisboa Quinhentista. A Imagem e a Vida da Cidade* (Lisboa, 1983).
- MOREIRA, Maria da Conceição, *Linhares. Aspectos Históricos* (Lisboa, 1980).
- MORENO, Humberto Baquero, «A manutenção da ordem pública no Porto quatrocentista», in *Revista de História*, vol. II (1979), 365-373.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires, Eduardo Souto Moura e João Mesquita, *Braga. Evolução da Estrutura Urbana* (Braga, 1982).
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de, *O Espaço Urbano do Porto. Condições Naturais e Desenvolvimento* (Coimbra, 1973).
- PEREIRA, Nuno Teotónio, *Evolução das Formas de Habitação Plurifamiliar na Cidade de Lisboa* (Lisboa, 1979).
- PEDREIRA, Jorge Viana, «Indústria, mercado e cidade. Peripécias de um triângulo amoroso», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 145-170.
- PINHEIRO, Magda A., «Crescimento e modernização das cidades no Portugal oitocentista», in *Ler História*, 20 (1990).
- RAVARA, António, «O crescimento de Lisboa e do Porto na segunda metade do século XIX e nos princípios do século XX», in *Clio*, vol. 4 (1982), 79-93.

- REAL, Manuel L., e Rui Tavares, «Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 389-417.
- RODRIGUES, Ana Maria, «O domínio rural e urbano da colegiada de São Pedro de Torres Vedras no final do século XV», in *Revista de História Económica e Social*, 17 (1986), 71-88.
- RODRIGUES, Jorge, e Paulo Pereira, «Algumas perspectivas de intervenção arqueológica na vila do Crato», in *Trabalhos de Arqueologia*, 3 (1986), 115-126.
- RODRIGUES, Maria João Madeira, «Olinda e Recife, uma situação de bipolaridade no urbanismo colonial português», in *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, 1 (1979), 67-94.
- RODRIGUES, Maria João Madeira, «Tradição, transição e mudança. A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 84 (1978), 3-97.
- RODRIGUES, Teresa, *Crises de Mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII* (Lisboa, 1990).
- RODRIGUES, Teresa, Rita Andersen e Vera Ortigão Ramos, *Para o Estudo das Pestes e Epidemias na Lisboa Quinhentista* (Ferreira do Zêzere, 1986).
- SALGUEIRO, Teresa Barata, *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, Porto, 1992.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, e João Carlos Garcia, «Lisboa nos fins do século XIX. Geografia de uma transição», in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro* (Lisboa, 1988), 399-410.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, «Os transportes no desenvolvimento das cidades portuguesas», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 113-144.
- SANTOS, Cândido dos, «Alguns aspectos da demografia portuense durante o antigo regime», in *Revista de História*, vol. II (1979), 149-157.
- SANTOS, Piedade Braga, Teresa S. Rodrigues e Margarida Sá Nogueira, *Lisboa Setecentista Vista por Estrangeiros* (Lisboa, 1987).
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal* (Paços de Ferreira, 1986).
- SILVA, Carlos Nunes, *Planeamento Municipal e a Organização do Espaço em Lisboa: 1926-1974* (Lisboa, 1987).
- SILVA, Carlos Nunes, «Os planos de Lisboa e a organização espacial da cidade. Continuidade e mudança no século XX», in *Povos e Culturas*, 2 (1987), 301-344.
- SILVA, Raquel Henriques da, *Cascais* (Lisboa, 1989).
- SILVA, Raquel Henriques da, «Do passeio público às avenidas novas — percursos, imagens e factos da Lisboa oitocentista», in *Revista de História Económica e Social*, 23 (1988), 21-41.
- SILVA, Raquel Henriques da (ed.), *Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1874-1909* (Lisboa, 1989).
- SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, 4 vols. (Lisboa, s. d.).
- SOUSA, Vasconcelos e Sousa, *A Propriedade das Albergarias de Évora nos Finais da Idade Média* (Lisboa, 1990).
- TAVARES, Rui, «Da avenida da cidade ao plano para a zona central. A intervenção de Barry Parker no Porto», in *Boletim Cultural*, vols. 3-4 (1985-1986), 261-324.
- TEIXEIRA, Manuel, «Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das 'ilhas' da cidade do Porto», in *Sociedade e Território*, 2 (1985), 74-89.
- TEIXEIRA, Manuel, «Portuguese traditional settlements, a result of cultural miscegenation», in *Traditional Dwellings and Settlements Review*, vol. 1, 2 (1990), 23-34.
- VENÂNCIO, José Carlos, «Espaço e dinâmica populacional em Luanda no século XVIII», in *Revista de História Económica e Social*, 14 (1984), 67-89.
- VIEIRA, Afonso Lopes, *Os Transportes Públicos de Lisboa entre 1830 e 1910* (Lisboa, 1982).